

Interview with Alexander R. Galloway, conducted on Oct 27, 2009 via email by Henrique Costa of the Brazilian Digital Culture Forum.

(Portuguese translation below)

1. *In your book "Protocol", you describe the protocols as an instrument of control that is not exercised by individuals, corporations or governments. Also the interactivity, designed initially as liberating, ultimately result in his opinion, in even more control. How these issues are interrelated, who are the beneficiaries of this control and how to establish, in its terms, a "counter-protocol"?*

There are nefarious connotations to this term, control, and of course I do not entirely shun them, however the primary purpose of a concept like "protocol" is to underscore the organizational aspect, control as an active technology of organization. This is what cybernetics means: control and communication together. I have used the concept of the "political tragedy of interactivity" to describe how interactivity, held up a few decades ago as the very goal of an emancipated media, is now today the basic infrastructure of global technology. In other words, there is nothing emancipatory about interactivity today.

In fact, there is a new kind of interactivity online, the interactivity of the body, the codified value it produces when it is captured, massified, and scanned by systems of monetization. This is what interactivity means today. A body is always "cybertyped," that is to say, it is always tagged with a certain set of affective identity markers. It is not just simply that a body must always be speaking, a body must always be "speaking-as-something." Whenever a body speaks, it always already speaks as a body codified with an affective identity (gendered, ethically and nationally typed, and so on), determined as such by various infrastructures both of and for identity formation. This is part of what I am trying to explore under the concept of "protocol."

2. *In Brazil, as well as in countries like France, recently appeared on the legislative initiatives to restrict the internet, requiring, for example, internet service providers to report practices as "illegal downloads". What scenario do you foresee for the freedom of expression on the internet? How do you interpret the idea of a regulated internet? Do you believe that the state has a role in formulating public policies for the network?*

I stress that protocol is outside both commercial and juridical power not to claim that those kinds of power do not exist. Quite the opposite: they do exist. Yet to reduce the logic of the machine infrastructure to the logic of governments and corporations is false. Networked machines have their own logic, and at least in the beginning this logic was highly resistive to older forms of power wielded by older forms of sovereignty. What we are seeing today however, after this early period of network organization, is a reinvention of sovereignty within networks, a "network-centricity" if you will. This is why one of the most powerful entities on the planet can be a networked entity: Google. This is why the new system of global juridical command can be a networked command: Empire.

It is fundamentally redundant to say a "regulated Internet." The Internet is regulation and nothing else. Just look at the protocols. The "C" in TCP/IP stands for "Control." I am against the notion, which is still quite common, that the Internet is a force that fundamentally eliminates

regulation, hierarchy, organization, control, etc. Distributed networks are never "out of control"--this is the worst kind of ideological delusion. The key question therefore is never whether control does or does not exist, but rather to ask: What is the quality of this control? Where does it come from? Is it being wielded by governments, or is it deployed at the level of machinic infrastructure? I don't pretend to answer the question about government power, for there are decades and centuries of writings devoted to the excesses of state power. We can still read those books. My contribution is merely at the machinic and infrastructural level. What is the specific character of informatic organization? This is the basic question of protocol.

3. *Based on your knowledge of the context of internet in Brazil, how do you see the workings of tactical media, activists and researchers and what would be a proposal for the defense of internet freedom in the country?*

I wish to learn a great deal from the Brazilian context. My initial suggestion is that, with the increase in the power of the network form, it is important to understand social organization and control in relation to three fronts: the state, the commercial sector, and the machinic sector. Tactical media activists are already aware of this and are mobilizing their efforts across all three fronts. For example, I consider the Linux operating system to be a dramatic victory in the commercial sector, even if it has very little to say about state power and machinic/infrastructural power. I'm not sure we've yet seen a very active counter-protocological movement. But this will certainly be the site of struggle to come.

+++

(Portuguese translation)

Em seu livro "Protocol", você descreve os protocolos como um instrumento de controle que não é exercido por pessoas, corporações ou governos. Também a interatividade, pensada no início como libertadora, acaba por resultar, na sua opinião, em ainda mais controle. Como essas questões se articulam, quem são os beneficiários deste controle e como estabelecer, nos seus termos, um "contra-protocolo"?

Há conotações nefastas para este termo, controle e, claro, não estou inteiramente evitando-os, no entanto, o principal objetivo de um conceito como "protocolo" é enfatizar o aspecto organizacional, o controle como uma tecnologia ativa de organização. É disso que a cibernética se trata: controle e comunicação em conjunto. Eu tenho usado o conceito de "tragédia política da interatividade" para descrever como a interatividade, que se sustentou até há poucas décadas atrás como o grande objetivo de uma mídia emancipada, agora é hoje a infraestrutura básica da tecnologia global. Em outras palavras, não há nada de emancipatório na interatividade hoje.

Na verdade, há um novo tipo de interatividade online, a interatividade do corpo, o valor codificado que ela produz quando é capturada, massificada e digitalizada por sistemas de monetização. Isto é o que a interatividade significa hoje. Um corpo é sempre "cybertyped", ou seja, é sempre rotulado com um certo conjunto de marcadores de identidade afetiva. Não se trata simplesmente que um corpo deva estar sempre falando, ele deve estar sempre "falando-como-algo". Sempre que um corpo fala, ele sempre fala já como um corpo codificado com uma

identidade afetiva (gênero, ética e nacionalmente digitado, e assim por diante), determinada como tal por várias infraestruturas recíprocas e pela formação da identidade. Isto é parte do que eu estou tentando explorar sob o conceito de “protocolo”.

No Brasil, assim como em países como a França, recentemente surgiram iniciativas no âmbito legislativo de criar restrições à internet, obrigando, por exemplo, provedores de acesso a denunciar práticas como “downloads ilegais”. Que cenário você prevê para a liberdade de expressão na internet?

Saliento que o protocolo está fora tanto dos poderes comerciais e jurídicos não para afirmar que esse tipo de poder não exista. Muito pelo contrário: eles existem. No entanto, reduzir a lógica da infraestrutura da máquina para a lógica dos governos e corporações é falso. Máquinas em rede tem sua própria lógica, e pelo menos no início esta lógica era altamente resistente a antigas formas de poder exercido por antigas formas de soberania. O que estamos vendo hoje, no entanto, após esse período inicial de organização em rede, é uma reinvenção da soberania no âmbito de redes, uma “centralidade-de-rede” se você preferir. É por isso que uma das entidades mais poderosas do planeta pode ser uma entidade de rede: o Google. É por isso que o novo sistema de comando jurídico global pode ser um comando de rede: o Empire.

Como você interpreta a ideia de um marco regulatório civil? Você acredita que o Estado tem um papel na formulação de políticas públicas para a rede?

É fundamentalmente redundante dizer “internet regulamentada”. A internet é regulação e nada mais. Basta olhar para os protocolos. O “C” no TCP/IP significa “Control”. Eu sou contra a ideia, que ainda é bastante comum, de que a internet é uma força que, fundamentalmente, elimina regulação, hierarquia, organização, controle, etc. Redes distribuídas nunca estão “fora de controle” – este é o pior tipo de ilusão ideológica. A questão fundamental, portanto, nunca é se existe ou não controle, mas de preferência perguntarmos: Qual é a qualidade desse controle? De onde ele vem? Ele é dominado pelos governos, ou é implantado no nível da infraestrutura das máquinas? Não tenho a pretensão de responder à questão sobre o poder do governo, pois há décadas e séculos de textos dedicados aos excessos do poder estatal. Ainda podemos ler esses livros. A minha contribuição é meramente ao nível da infraestrutura e da máquina. Qual é a especificidade da organização informacional? Esta é a questão básica da protocolo.

Com base em seu conhecimento sobre o contexto da internet no Brasil, como você vê a atuação de grupos de mídia tática, ativistas e pesquisadores e qual seria uma proposta de defesa da internet livre no país?

Quero aprender muito a partir do contexto brasileiro. Minha sugestão inicial é que, com o aumento do poder do formato de rede, é importante compreender a organização e o controle social em relação às três frentes: o Estado, o setor comercial e o setor industrial. Ativistas de mídia tática já estão conscientes disso e estão mobilizando seus esforços em todas as três frentes. Por exemplo, eu considero o sistema operacional Linux uma vitória dramática no setor comercial, mesmo que tenha muito pouco a dizer sobre o poder do Estado sobre o poder da infraestrutura. Não tenho certeza se temos visto ainda um movimento “contra-protocolo” muito ativo. Mas este será, certamente, o local da luta que virá.